

O Progresso Catholico

... sequor autem, et quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphei Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.



ULTIMA COMUNHÃO DE S. JERONIMO (QUADRO DE DOMENICHINO)

SUMMARIO:—*Aposentação do clero parochial.*—Secção Scientifica: *A Sancta Poesia*, IV, por J. C. de Faria e Castro.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, 35.º, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *Fingir!* por Dom Antonio d'Almeida; *Mais coisas...* por E. I.—Secção Bibliographica, por M. F.—Secção Illustrada, por R.—Secção Necrologica, por D. P.—Retrospecto da Quinzena, por M. F.—Bibliotheca Romantica, 9.ª folha, *O Cavalleiro do Oriente*, versão de Mattos Ferreira.

Gravura: *Ultima communhão de S. Jeronymo.* (Quadro de Domenichino.)

Aposentação do clero parochial

É o relatório e o competente projecto, que, na sessão de 10 de junho, foi apresentado à camara dos snrs. deputados pelo illustre ministro dos negocios ecclesiasticos:

«Senhores.—Venho submeter à vossa apreciação uma providencia, que é aconselhada pelos principios de justiça, porque tem por fim conceder a uma respeitavel classe de funcionarios, que prestam importantes serviços à Igreja e à sociedade, o mesmo beneficio de que gosam outros servidores do Estado.

Refiro-me ao clero parochial.

Tendo sido devidamente contemplado nas differentes reformas dos ultimos tempos o pessoal de outros ramos de administração publica, não é menos justo que os Parochos canonicamente instituidos encontrem tambem nas leis alguma disposição que lhes garanta uma recompensa, quando pelos annos ou por enfermidades se impossibilitam do desempenho das funcções do seu ministerio.

Pelas circumstancias do thesouro publico, e talvez pela necessidade de attender-se em differentes epochas a outros serviços igualmente importantes, não pôde ainda ser votada uma medida legislativa que proveja à melhor sustentação dos ministros do altar, e ao maior esplendor do culto externo da nossa Religião; e pelas mesmas considerações não posso ainda n'esta sessão, meu grado meu, submeter ao vosso exame e approvação uma proposta de lei completa sobre a dotação do culto e clero.

Comtudo, por não poderem ser presentemente superadas as difficuldades praticas que se oppõem à realisação do meu desejo, não devo deixar de propor-vos desde já que se torne extensiva ao clero parochial a concessão do direito de aposentação, com o qual muito se melhora a sorte de uma classe, que exerce inquestionavelmente a mais salutar influencia na ordem social.

As disposições que de certo prendirão mais a vossa attenção são as que se acham consignadas nos artigos 2.º, 3.º e 13.º

Pelo decreto de 19 de setembro de 1836 e pelas cartas de lei de 20 de julho de 1839 e 8 de novembro de 1841 foi o governo auctorisado a conceder soccorros provisorios, nunca in-

feriores à terça parte da congrua, aos Parochos que pela sua idade ou molestias não podessem desempenhar as funcções do seu ministerio.

Não poderá talvez affirmar-se que fllesse assim legalmente constituído o direito dos Parochos à sua aposentação; mas é certo que foi por aquelle modo reconhecida a sua necessidade, assim como a obrigação que tem os poderes publicos de fornecer os meios necessarios para a decente sustentação dos que se impossibilitarem de continuar a prestar os serviços à sociedade, tanto na ordem religiosa como na civil.

Alem disto, a conveniencia do serviço publico e os principios por que deve ser regulada uma boa administração parochial exigem que sejam substituidos, por quem possa satisfazer aos importantes deveres de cura de almas, os Parochos que na extrema velhice ou por enfermidade grave e incuravel não possam exercer as funcções respectivas; sendo de justiça que em taes circumstancias se lhes conceda uma pensão igual à sua congrua, para que no ultimo quartel da vida não soffram privações e possam conservar a sua dignidade.

Por estas considerações parece-me que se acha justificada a disposição do artigo 2.º da proposta, comquanto seja o fim principal d'esta tornar extensivas ao clero parochial as prescripções do decreto com força de lei, n.º 1, de 17 de julho de 1886.

Parceu-me tambem igualmente justo que os Parochos que são modestissimamente retribuidos, flquem dispensados de contribuir para a caixa das aposentações, sem que por este facto percam o direito de aposentar-se quando reunirem as outras condições para este effeito indispensaveis.

E' incontestavel que os Parochos, cujas congruas não excedem a 100\$000 reis, mal podem sustentar-se com a dignidade e decencia que o seu estado requer; e por isso, obriga-os a concorrer com qualquer quota para a caixa das aposentações, seria agravar a sua situação.

Já que por emquanto não podem ser elevadas aquellas congruas, suppra-se ao menos a deficiencia, concedendo aos Parochos que as percebem o beneficio de gosarem do direito de aposentação, sem deducção nos seus escassos rendimentos. E convem notar que com a disposição do artigo 3.º será pouco onerado o fundo especial que se constituir a caixa das aposentações para paga-

mento das pensões aos aposentados em taes circumstancias, por se acharem annexadas ou providas por simples commendação muitas das parochias que apenas tr'em aquelle rendimento, e tambem por terem de ser descontados das pensões os soccorros provisorios que houverem sido concedidos, como estabelece no artigo 5.º

Achando-se já determinado pela carta de lei de 4 de abril de 1861, que os bens que constituirem propriedade ou dotação dos conventos supprimidos sejam destinados à sustentação do culto e clero, e tendo sido tambem estabelecido pelo decreto com força de lei de 1 de dezembro de 1869 que os bens das collegiadas, que se supprimirem, tenham igualmente aquella applicação, julgo acertado e em completa harmonia com aquellas disposições que uma parte dos rendimentos dos referidos bens venham a constituir, na caixa das aposentações, um fundo especial destinado exclusivamente ao pagamento das pensões dos Parochos que forem aposentados, como indico no artigo 13.º

E por estas considerações espero que vos dignareis approvar a seguinte proposta de lei:

Artigo 1.º O direito de aposentação concedido aos empregados e funcionarios civis pelo decreto com força de lei, n.º 1, de 17 de julho de 1886, é, nos mesmos termos, ampliado aos Parochos canonicamente instituidos nas egrejas parochiaes do continente do reino e das ilhas adjacentes; salvas, porem, as declarações e alterações prescriptas nos artigos seguintes:

Art. 2.º E' facultada a aposentação ordinaria:

1.º Aos Parochos que tiverem completado setenta e cinco annos de idade, sem dependencia de qualquer outra condição para obtel-a.

2.º Aos Parochos que contando mais de sessenta annos de idade e trinta de serviço effectivo, se mostrarem impossibilitados, physica e moralmente, de continuarem no exercicio do ministerio parochial.

§ 1.º Se os Parochos que estiverem nas circumstancias declaradas n'este artigo não solicitarem a aposentação, poderá o governo determinal-a sobre parecer e proposta do Prelado da respectiva diocese.

§ 2.º Aos Parochos aposentados nas condições referidas serão concedidas pensões iguaes à importancia das suas congruas.

Art. 3.º Os Parochos, cujas congruas não estiverem taxadas em quantia superior a 100:5000 reis, ficam dispensados de contribuir com qualquer quota para a caixa das aposentações, sem que por este facto deixem de ter igual direito a serem aposentados quando reunirem as outras condições indispensaveis para a aposentação ordinaria ou extraordinaria.

Art. 4.º As pensões de aposentação concedidas aos Parochos das freguezias do continente serão computadas em proporção das congruas arbitradas ás respectivas igrejas, emquanto não for decretada por outra forma a dotação do clero parochial; devendo observar-se a este respeito as mesmas regras fixadas no citado decreto para as pensões dos funcionarios civis aposentados.

As dos Parochos das freguezias das dioceses das ilhas adjacentes serão calculadas em proporção das congruas que percebem pelo cofre do estado.

Art. 5.º Os socorros provisorios que tiverem sido concedidos aos Parochos aposentados serão encontrados nas pensões que houverem de receber nos termos do artigo antecedente.

Art. 6.º A impossibilidade physica ou moral será verificada nas sédes das dioceses, por tres facultativos para esse fim nomeados pelo ordinario, o qual depois enviará os respectivos processos de aposentação com o seu parecer ao ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça, para seguirem os devidos termos.

Art. 7.º Cessando a impossibilidade e verificado este facto pelo modo estabelecido no artigo antecedente, terminará o pagamento das pensões aos Parochos aposentados logo que estes sejam apresentados e collados em outras igrejas parochiaes, ou nomeados para quaesquer outros beneficios ou empregos.

Art. 8.º Para o effeito da aposentação não será contado o tempo em que os Parochos estiverem suspensos das ordens sacras ou do exercicio do seu ministerio, nem aquelle em que deixarem de residir em seus beneficios sem legitimo impedimento ou auctorisação competente. Será, porém, levado em conta todo o tempo de serviço no exercicio das suas funcções parochiaes, como collado ou encomendado, e o que tiverem prestado em alguma commissão de serviço publico devidamente auctorisada.

Art. 9.º Decretada a aposentação, ou por determinação ou por solicitação do interessado, não se effectuará o pagamento da pensão concedida, emquanto o Parocho aposentado não renunciar o seu beneficio, e não apresentar a necessaria certidão do termo da renun-

cia, e emquanto não tiver cabimento dentro do fundo de que trata o artigo 13.º

Art. 10.º Quando o Parocho aposentado se recuse a renunciar voluntariamente o seu beneficio, ou não possa por qualquer circumstancia verificar a resignação, o Prelado diocesano o removerá do exercicio do ministerio parochial, e nomeará para o substituir um encomendado; percebendo este a congrua arbitrada á respectiva igreja, e aquelle a pensão que lhe tiver sido concedida.

Art. 11.º O pagamento das quotas com que contribuirẽ os Parochos das freguezias do continente para a caixa das aposentações será feito nas recebedorias dos concelhos respectivos, visto não terem vencimento pago pelo cofre do estado, para que a importancia das mesmas quotas seja remetida por aquellas repartições á sobredita caixa, pela qual serão satisfeitas as pensões aos Parochos aposentados.

§ unico. As quotas dos Parochos das dioceses das ilhas adjacentes serão descontadas nas folhas das congruas pagas directamente pelo estado.

Art. 12.º Os parochos das freguezias do continente que tiverem de contribuir para a caixa das aposentações, e não pagarem as suas quotas nos devidos prazos, ficarão sujeitos ás mesmas prescripções comminatorias dos §§ 4.º e 7.º do art. 7.º do decreto de 14 de outubro de 1886.

Art. 13.º Pelo ministerio dos negocios da fazenda será entregue á caixa das aposentações uma subvenção annual de 20:000:5000 reis, proveniente dos rendimentos dos bens das corporações religiosas extinctas ou supprimidas, para alli se constituir um fundo especial destinado exclusivamente ao pagamento das pensões aos Parochos que forem aposentados nos termos dos artigos 2.º e 3.º d'esta lei.

Art. 14.º O governo dará as providencias que julgar necessarias para a execução d'esta lei.

Art. 15.º Ficam assim ampliadas as disposições do decreto com força de lei, n.º 1, de 17 de julho de 1886, e revogada a legislação em contrario.»

SECÇÃO SCIENTIFICA

A Sancta Poesia

O IDEAL CHRISTÃO

Nacionalidade dos nossos Poetas

IV

De todas as applicações da nossa actividade, nenhuma ha que se harmonise melhor com o espirito christão como a cultura das letras, das artes e das sciencias.

Com effeito, estes estudos têm por fructo e por effeito immediato o progresso da alma: ora, acima de tudo, o christianismo é a religião da alma.

Todas as obras da imaginação necessitam d'um ideal que é a perfeição concebida pela razão: ora, que ideal como Deus, a perfeição mesma! Logo, o poeta, o orador, o artista christão, é naturalmente levado a buscar em tudo a perfeição; e nenhum poeta, nenhum artista podem collocar seu ideal tão alto, como o christão; nenhum, com certeza, nem Homero, nem Sophocles, nem Demosthenes, nem Phidias, nem Apelles.

Que me seja licito agora, dizer alguma coisa com relação á nacionalidade dos nossos poetas christãos.

Deus dividira o genero humano em familias separadas por montanhas, rios, e mares. Estes grupos, collocados de baixo d'uma latitude diferente, deram-se a si certos costumes, um caracter, um temperamento particulares.

Chamando estes povos diversos a participar das mesmas crenças, Deus não lhes impusera a uniformidade. Vem aqui a proposito lembrar a maxima: *In necessariis unitas, in dubiis libertas.*

Será interessante estudar conjunctamente com o genio particular de cada poeta a forma de espirito e a maneira de sentir proprias á sua nação.

Os dons do genio e da imaginação teem um caracter individual que não está sujeito a um todo de factos historicos e sociaes; mas a escolha das materias, a forma do pensamento e a natureza das imagens trazem o cunho das circumstancias exteriores e das influencias as mais aproximadas.

E' por isso que, desde S. Hilario de Poitiers até S. Avit, a luta contra o paganismo deu ás obras dos poetas um caracter apologetico; é por isso que as



invasões dos Barbaros lhes não arrancado harmonias de uma grande tristeza, e mesmo queixumes amargosos, seguidos logo de sentimentos de resignação.

O periodo gallo-romano comprehende quinze poetas. A *S. Hilario*, homem de uma fé ardente, confessor, succede *Ausonio*. Este é um caracter de transição, deteriorado pela vida da corte, engenhoso e apaixonado pelos prazeres do espirito, christão um pouco máu grado seu. Se fallamos aqui d'este poeta, e mais tarde daremos um fragmento das suas obras, é para melhor pôr em evidencia as qualidades do coração e o talento superior de *S. Paulino Nolasco*, um dos mais sympaticos dos nossos poetas.

S. Ambrosio, embora natural de Trêves, nada tinha de tudesco; pode antes dizer-se que elle era franco e não germanico.

A melancolia, a tristeza visinha do desanimado, são os traços essenciaes do caracter de *Tyro Prosper* e de *Severus Sanctus*.

Sedulio, ao contrario, é firme na esperança.

O gosto de *S. Orient* é purissimo e testemunha uma educação finissima. *S. Prosper* é um poeta philosophico. *Paulino de Périgueux* narra; *Claudio Mamert* é um cantor inspirado; *Sidoine Apollinaire* descreve. *Eumodius* é distincto, e *S. Avit* é um genio. Eis como este escreve:

DESCRIPÇÃO DO PARAIZO

Para além das Indias, lá onde principia o mundo, ahi onde, dizem, se ligam ao ceu as extremidades da terra, está uma floresta inacessivel a todos os mortaes, encerrada nos limites eternos desde que o auctor do primeiro crime d'elle foi banido depois da sua queda e que os anjos celestes vieram substituir sobre esta terra sagrada os condemnados que d'ahi haviam sido justamente expulsos.

Não ha lá as estações alternadas que trazem o inverno, e o sol do estio não brilha ahi após rudes geadas; graças á suavidade do clima, lá reina uma primavera eterna; o tumultuoso Auster não sopra ali e os nevoeiros incessantemente se afastam d'este ar e d'este ceu perpetuamente sereno. A natureza do solo não reclama as chuvas para o refrescar; as plantas não são fecundadas senão pelo sereno que lhes é proprio.

A terra está sempre verde, e a sua superficie, que conserva uma doce morridão, conserva um aspecto deslumbrante: as collinas estão sempre cobertas de hervas, e as arvores conservam a sua verde folhagem; e embora as arvores produzam milhares de flores, uma

seiva activa dá á sua haste um vigor sempre novo.

Os fructos que só se colheitam uma vez em cada anno amadurecem em cada mez com abundancia n'este solo.

O sol aqui não murcha os lirios deslumbrantes, e as violetas que não toca mão nenhuma, guardam sempre sua frescura; conservam sempre seu rubor pudico e offerecem sempre á vista sua corolla graciosa. Como o inverno nunca n'estas paragens domina, e o calor do verão não queima os prados, a primavera com as suas flores e o outono com os seus fructos são as unicas estações do anno.

Ali cresce o cannelleiro, essa planta semelhante ao phenix quando succumbe á morte, origem para elle d'uma vida nova, e quando, consumido vai renascer das cinzas e resurgir da morte que elle mesmo buscara. E não contente de nascer por uma segunda vez, renova a vida de seu corpo, usado pelos annos, e os nascimentos reiterados lhe evitam uma caducidade que as chammas consumem.

Ali as arvores destilham constantemente de suas veias fecundas o aroma odoriferante. Se um vento brando se levanta, a rica floresta, lentamente agitada por este zephiro, faz ouvir um doce murmurio e balança nos ares suas folhas e suas flores, que exhalam ao longe suaves e salutaes perfumes.

Uma fonte cristalina e brilhante jorra d'uma cascata onde a vista penetra sem obstaculo: a prata não brilha d'um tão vivo clarão e o cristal não projecta uma tal luz de sua materia brilhante e lustrosa.

Ali as aguas correm negligentemente por entre as pedras preciosas engastadas sobre as margens, e todas as joias tão caras á vaidade do mundo ahi são substituidas por delicados seixos: os campos são ornados pelas mais variadas cores, e a natureza os reveste d'uma gala real (1).

* * *

Tambem dissemos acima que um dos mais sympaticos dos nossos poetas christãos, do 4.º seculo (epocha gallo-romana), era *S. Paulino Nolasco*. Ardemos por já dar aqui um pequeno fragmento tirado d'uma carta que elle escreve ao seu sabio mestre, e meio pagão, *Ausonio*.

(1) *S. Avit* era neto do imperador *Avitus*. Este celebre bispo do 5.º seculo escreveu (em latim, já se vê!) 5 poemas em versos hexâmetros ácerca do *Genesis* e do *Exodo*: 1.º *De origine mundi*; 2.º *De peccato originali*; 3.º *De sententia Dei*; 4.º *De Diluvio mundi*; 5.º *De transitu maris Rubri*.—Se Deus quizer, daremos aos leitores uma *Galeria dos nossos Poetas Christãos*.

Diz elle: . . . «Com effeito que podem esses poetas mundanos, esses amigos das Muzas, possuir de bom ou de verdadeiro, elles que ignoram o soberano bem, o assento e a origem do verdadeiro e do bom, Deus, que se não pôde ver senão em *Jesus Christo*?

Elle é a luz da verdade, o caminho da vida, a força, o espirito, a mão, a virtude do Pae, o sol da equidade, a fonte dos beneficios, a flor de Deus, o filho de Deus, o creador do mundo; elle é a vida de nossa mortalidade, a morte da morte; é elle que ensina a virtude; é nosso Deus, e por nós elle se fez homem e se esbulhára revestindo-se de nossa humanidade, reunindo em si as duas naturezas. Elle estabeleceu entre os homens e Deus laços de perpetuidade.»

(Continuar-se-ha).

J. C. de Faria e Castro.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

35.º

(Continuado do n.º anterior)

LXXXI

P. Jeronymo Lagomarsini

ESTE homem, que foi um dos mais esclarecidos e eruditos do seculo XVIII, nasceu em Genova a 30 de setembro de 1698. Estudando os primeiros elementos das sciencias no collegio de Prato (Toscana), dirigido pelos jesuitas, afeiçoou-se á Ordem de Santo Ignacio, na qual entrou na idade de 15 annos.

Em 1721 foi enviado á cidade de Arezzo para ensinar alli as bellas-lettras, e logo se deu a conhecer pelo seu talento em escrever a lingua latina. N'este tempo o famoso lexicographo *Facciolati* preparava uma nova edição do *Vocabulario* de *Calepino* em sete linguas; conhecendo a competencia do jesuita *Lagomarsini* para esta importante e difficil empreza, serviu-se das suas luzes na composição do grande dictionario, que consta de 2 volumes *in-folio*.

Por toda a parte soava a fama da sua rara sciencia, sendo ainda muito joven; depois de estudar theologia em Roma, foi em Florença professor de rhetorica, cadeira que elle regeu dignamente por vinte annos. Em seguida professou a lingua grega no collegio romano.

O *P. Jeronymo Lagomarsini* era um religioso exemplarissimo, muito afeiçoado á sua Ordem. Previu a extinc-

ção d'ella, que se realisou pouco tempo depois da sua morte; como estava gravemente enfermo, felicitava-se pela sua doença que lhe dava esperanças de não presenciar a lamentavel catastrophe. Morreu piamente a 18 de maio de 1773.

Escreveu muito e sobre diversos assumptos: obras de theologia, historia, apologias e litteratura. O seu latim egualia o de Cicero.

Publicou alguns escriptos em defeza da Companhia de Jesus, e tinha preparado uma collecção de peças justificativas, que formam nada menos que 30 volumes. Esta preciosa collecção conserva-se manuscrita, parte na bibliotheca do Collegio romano, e parte no Collegio de Palermo. E' citada pelo P. Ravignan na sua notavel obra—*Clemente XIII e Clemente XIV*.

Todos os sabios da Europa lamentaram a perda d'este doutissimo jesuita. honraram a sua memoria e lhe pagaram o devido tribulo de elogios.

Em Florença, onde elle morreu, foi-lhe gravado o retrato, com o seguinte distico:

*Est Lagomarsinus vultu; sed pingere vocem
Si liceat, quivis dixerit: est Cicero.*

LXXXII

P. João Pedro Maffei

E' um dos varões mais celebres da Companhia de Jesus. Nasceu em Bergamo (Italia) em 1535; quando se alistou na Ordem de Santo Ignacio, tinha 30 annos de idade, e antes d'isso foi professor de rhetorica em Genova e secretario da republica, no tempo do doge Octaviano Oderico. O P. João Pedro Maffei falleceu a 20 de outubro de 1605, deixando varias obras em latim purissimo, que podia competir com Cicero. Distingue-se pela belleza do estylo, nobreza e harmonia das palavras, e clareza dos pensamentos. Era tão afeiçoado à bella latinidade, que, segundo alguns contam, *pediu ao Papa licença de ler o breviario em grego, a fim de não corromper o estylo lendo o latim da Vulgata*. Mas muitos criticos consideram isto como uma fabula.

E' certo que o jesuita Maffei foi um homem douto e pio, sendo muito estimado de Philippe II, rei de Hespanha, e do Papa Gregorio XIII que o encarregou de escrever a historia do seu pontificado.

O nosso Cardeal rei D. Henrique chamou o P. Maffei a Lisboa, para escrever a *Historia geral das Indias Orientaes*. A primeira obra, que lhe grangeou nome, foi a *Vida de Santo Ignacio*, fundador da Companhia.

Elle empregava mais tempo em aperfeiçoar as suas obras do que outros auctores em compôr as suas. A quem se

admirava d'isto, costumava responder que os leitores não se informavam do tempo que uma obra levava a compôr, mas unicamente das bellezas que ella continha.

Todos os criticos elogiam as obras do jesuita Maffei, especialmente o celebre cardeal Bentivoglio.

A sua *Historia da India* é uma obra de muito merecimento pela sua elegancia e dignidade.

LXXXIII

P. Francisco Pavoni

Ainda que geralmente pouco conhecido, foi eminente em toda a litteratura sagrada e ecclesiastica, muito piedoso e zeloso da salvação das almas, o jesuita Francisco Pavoni, de quem Santo Allonso de Liguori faz honorifica menção: *rasão porque não devemos omitir o seu nome n'esta Galeria*.

Nasceu no reino de Napoles, em 1569, entrando na Companhia de Jesus em 1585. Ensinou com applauso humanidades, sagradas letras, philosophia e lingua hebraica em varios collegios da sua Ordem. Religioso perfeito, o P. Pavoni morreu santamente em Napoles, a 25 de fevereiro de 1637.

As suas obras, que são em latim e italiano, versam sobre theologia moral e ascetica, e commentarios à Escripura Sagrada. Em Napoles foi sempre abençoado o nome d'este sabio e santo jesuita.

(Continua)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

Fingir!

ESTAMOS n'uma epocha feita por uns homens, e continuada por outros, que consiste em *fingir!* N'ella tudo é fingido e não ha coisa que seja; e quanto mais *fingem* menos é.

Finge-se honra; e esta não existe por isso que não pôde haver honra quando falta moralidade, e a moralidade só se dá quando se dam em observancia os Principios Religiosos: fora de esta hypothese pôde dar-se uma honra que está para a verdadeira, como no campo economico a moeda falsa em relação à moeda de bom metal. Desde que ha menos honra é quando se tem ouvido a cada passo dizer: *dou-lhe a minha palavra d'honra! Fingimento!...*

Finge-se politica; ora, a politica mo-

dermissima é o tecido mais variado de mentiras. *Politica* é a *Arte* de bem governar os Povos, e deve-se em Direito publico interno quando se refere a um Povo, e em Direito publico internacional quando regula as relações estabelecidas ou a estabelecer entre Povo e Povo. Na primeira hypothese o que se vê *hoje?* os Governos fazem *arte* de governar segundo os *partidos* e não segundo os verdadeiros interesses dos Povos, e assim *fingem Politica*. Na segunda hypothese observa-se *actualmente* que a *Politica* internacional não cessa de se asseverar com palavras de paz acompanhada de preparos de guerra, logo *Fingimento*.

Na Instrucção publica os Governos derretem-se em leis, em regulamentos; carregam os estudantes com nomes; alliviam da assiduidade os mestres, a ponto que o melhor que haveria a fazer, segundo dizia o Sr. Ferrer, era *de tudo aquillo fazer uma fogueira*: logo *Fingimento*.

Em commercio não nos alimentamos nem nos vestimos senão com os nomes de aquillo que nos fornecem, e assim é claro o *Fingimento*.

Nas Industrias abunda a *industria* do gato por lebre, pois que para mais ganhar *à moderna* é mister *Fingir*.

Nos Arsenaes não ha *Fingimento* pois que são fabricados os instrumentos certos para matar mais gente em menos tempo.

No vestir apparece uma opulencia, indicadora de meios correspondentes, e nunca se verificou como *n'estes dias* *o=por dentro pão bolorento e por fóra cordas de viola*: é o *Fingimento*.

Na amisade, em tempos alguns houve tantos amigos *de titulo* e tão poucos dos *amicus certus in re incerta cernitur*, porque ha *Fingimento*.

A *hellesa artificial* é tanta, que uns certos, mais ou menos charlatães, têm feito fortuna com seus embellesadores especificos; e assim *Fingimento*. As taboletas das lojas e outros estabelecimentos de ganhar, também *fingem*; pois que chega-se *ao extremo* de uma cidade e lê-se: *Hôtel* (Estalagem ou Hospedaria é portuguez) *central*, *café* (Botequim *id.*) *central*, *Pharmacia* (é mais perentencioso que *Botica*) *central*, *etc.* e assim o estrangeiro julga estar *no centro* da cidade, quando aliás está em limite de ella. *Fingimento*.

Na *Litteratura* o *contrabando* é nocturno e diurno, e, *v. gr.* em Portugal, *ri-se dos 4.000 homens da Guarda fiscal*; dá-se como *litterato* quem nunca declinou *hora horae*. *Fingimento*. Em força não faltam os *paparrotões*, que não podendo com o ferro *por fóra* o tomam *por dentro* aliás arrotando *rubor* (figura permittida) e assim *Fingimento*. *Linguistica*; *à moderna* escreve,

se a lingua mãe na phrase e estylo mascavado, e diz-se que é o *portuguez*, o *francez*, o *italiano*, etc. pois não é tal e não passa de *Fingimento*. Corre o *Positivismo* com a pertença de produzir *civilisados*, e produzindo só, como disse ha pouco um escriptor francez, *barbares civilisés* ou *barbaros in ré* e *civilisados in nomine*, em vez de dar, o que aliás não pôde, *Finge*.

No *tractamento*, por estes dias *modernissimos*, desapareceram os *illus-trissimos* e só ha os *excellentsimos*; porem procuram-se as *excellencias* e não se encontram! e porque?... porque *Fingimento*.

E a delicadeza? morreu com a *civilisação-civilisadissima*; mas *F.* é delicado de manhã, e como é elle grosseiro de tarde! *S.* era hontem tão cortez, e hoje tão brusco! *B.* ha dias foi de tracto lhano, e logo depois barbaro! Enão sempre ha *alguma delicadeza*; sim, a *egoisticamente calculada* e não a *perseverante* que só se produz ou deriva do Sentimento Religioso e Christão; n'esse *movimento* de costas para Deos, irreflectido ou intencional, quando excepcionalmente apparece *certa delicadeza* é em *Fingimento*.

E o segredo? *ja não ha*; os reciprocos segredeiros *hodiernos*, em vez de amarem o *deposito*, amam o *Fingimento*. E ficando por estes *exemplos*, diremos: que todas as *téclas modernissimas*, apparentando *musica* só fazem soar *confusão*; esta é *realissima* e não *fingida*, n'essa *moderna Sociedade*, desde o minimo até ao maximo! A *tanto* vai e a *tanto* leva o *inconsiderado*, e o *resolvidamente impio*, afastamento de Deos! *Giobberti* disse: que o *seculo das luzes* era *di carta*, de papel; *Margotti* accrescentou: de papel amarrutado e sujo; e nós, conformando-nos com estes conceitos, ainda o diremos: *de Fingimento!* Esforça-se elle por enganar, usando da maligna *tactica* de *Fingir!*

Dom Antonio de Almeida.

Mais coisas...



oi admittido um dia á presença de D. Sebastião um alto funcionario de sua corte, seriamente compromettido com o erario regio. Expoz a el-rei as circumstancias precarias em que se via, e o rei, no vendor dos annos, magnanimo por indole, e sem competencia para bem medir o alcance dos seus actos, disse-lhe: «Fica-vos perdoada metade de vossa divida.» Ouvindo estas palavras o prudente D. Aleixo de Menezes não se teve sem clamar: «Ah!

rei, que vos perdeis!» Esta censura amiga nos labios do aio fiel melindram a juvenildade do soberano, que chamou de prompto o funcionario para dizer-lhe: «Olhai: é a divida toda que fica perdoada.»

Não ha historiador que não condempne rudemente aquelle rei de 20 annos, por esta grave leviandade.

E agora? Veiu á tona da publicidade a questão das obras do porto de Lisboa; clamaram os Dons Aleixos contra a arbitrariedade, e não passa muito tempo que não espilrasse o despeito na questão da OUTRA METADE. Os Dons Aleixos modernos, mais linguarazes que o do seculo XVI, esbravejaram mais forte, para soffrerem replica nos 2700 contos para *arranjos* de quartéis militares. Sobe de ponto a gritaria, e zás! mais 700 contos para compra e conservação da Pena, realmente um brinco, para quem tenha dinheiro, mas não para o Estado portuguez, que, *segundo dizem*, tomba de desastre em desastre.

Abriam mais ainda a bocca, e logo lhes ostrage a infausta noticia de um conto de reis annualmente ao sr. Camillo Castello Branco. Chega ao cumulo o desespero, lançam a lingua de fóra, e de chofre, com a velocidade d'uma bomba, dynamitisam os clamadores com mais UM CONTO DE REIS para o sr. JORGE CAMELLO, como diz o *Universal* na correspondencia de Lisboa, em seu n.º de 6 de junho!

Por Deus! calai-vos, desastrados censores, aliás estamos irremissivelmente perdidos! Imaginai as fataes consequencias das duas ultimas concessões: Cada litterato, e cada *Jorge Camello*, que haja por esse Portugal e Algarves, d'aquem e d'alem mar, galardoados, na proporção de seu merito, á custa da bolsa do thesouro publico! Que regimento! que exercito! Latino Coelho, Thomaz Ribeiro, Antonio Ennes, Bulhão Pato, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Rodrigues de Freitas, Cesar Machado, Luciano Cordeiro, etc. etc. etc. e lá no couce da procissão a confraria dos articulistazinhos d'almanach!

Emfim, para melhor demonstrar que faz orelhas moucas ao *charivari* opposcionista, o governo, na lei dos meios, talha mais a descommunal fatia de 9:600 contos! e propõe-se com o negocio do Porto de Leixões abrir ainda mão a gordissima quantia.

O sr. Antonio de Serpa vem ainda apavorar o paiz com o vaticinio d'um deficit de 8:000 contos no anno futuro!!

Se Apicio se suicidou ao ver que não tinha mais que um milhão para, costeamento de seus banquetes, quando soará o momento fatal d'esta miseração, posta no extremo de miseria por seus predularios governantes?

Pobre povo! E lembrar-se a gente

que tão lastimavel situação lhe é preparada por elle mesmo, inscientemente. inconscientemente, alvarmente!

Sim, o privilegio da volação leva ás cadeiras de S. Bento linguazes que em artigo de prohibidade são radicaes antipodas de Fenelon, i. é, amam primeiro a si mesmos, depois a sua familia, depois a sua patria, depois a humanidade, depois o seu Deus, ou depois nada, que não ha Deus para elles. Materialões até á medula, engendram uma especie de fatalismo em que se adormitam, e a honra para elles é a commodidade propria, embora alcançada á custa de mil victimas que tenham de sacrificar-se. *Cada qual arranje-se*, tal a divisa defendida hoje com o maior denodo, por *fas* ou por *nefas*, e quem a não segue, por afeiçoado ainda aos principios de educação ou de crença, é batido por toda a caingalha furiosa como javardo que se anima a sair a campo.

Pobre povo! Satanaz vendo que não podia perder as nações com as theorias com que perde os individuos, estudou o suffragio universal, ou *mentira universal* no dizer do Sancto Padre Pio IX, e por elle conduz as nações ao suicidio com a mesma facilidade com que n'elle precipita os individuos. O liberalismo é o suicidio das nações! Entregam o Christo? como Judas, caber-lhes-á o mesmo findar.

Pobre povo! Com o voto, cujo alcance não sabe medir, tece o laço que lhe vai constingir as fauces! Eleger é *escolher*; para escolher importa *conhecer*, e o povo conhece a dignidade, o patriotismo, a abnegação, o sacrificio, a moral, a fé, a submissão á Igreja, o amor a Christo, do candidato que elege? *Absit!*

Pobre povo! No emtanto o clero, cuja mais alevantada missão é o pastoreamento dos fleis, illustrado e conhecedor dos desmandos sociaes, avisado sollicitamente pelo hierarcha supremo, que observando os ventos e estudando as vagas, clama a cada hora annunciando perigos iminentes, o clero põe peito vigoroso á empreza que lhe cabe?

Muito havia que dizer; mas ja houve mais. Na sua influencia social, cumprenos dividir o clero em tres secções:

Uma faz politica miseravel, com aspirações a umas meias roixas, a uma parochiação lucrativa, ou talvez sem aspirações a nada, a não ser a um apêrto de mão d'um influente que n'elle tem um sabujo docil. Ha vinte annos esta classe era numerosissima, mas vai rareando hoje felizmente.

Outra secção, assustada das prevaricações torpes que immundam a consciencia popular, desesperando dos melhores tempos, retrahe-se, lastima, ora, circumscreve-se a aconselhar a abtenção de eleições, para não aggravar o

mal. Cresce, anno a anno, esta preciosa classe, e reserva-lhe o futuro uma pagina brilhante, pois em estando as coisas em melhor pé, será ella d'uma operosidade valiosa e podera (praza a Deus!) salvar o que lão rapidamente impende para ruina.

A terceira classe presente esperanças de regeneração. Vê o presente mau, mas sabe que norteando-o com energia e prudencia, pode attingir-se um futuro supportavel. Esta classe porem é pouco numerosa, e a falta de unidade de combate malbarata as forças, o que a desalenta e lhe distancia a victoria. Se não toma a iniciativa de unir fileiras, de postergar pequenas divergencias, nascidas mais de imperfeita delinição de termos que de substancia de doutrinas, possivel é veja caidas por terra suas auspiciosas esperanças.

No clero ha pois latente uma grande força, ignorada talvez por elle, mas conhecida assás dos corypheus liberaes, que não perdem talho de lh'a destruir ou apoucar, ora roubando-lhe os bens e o prestigio, ora alliciando-o por vezes com um engodo facil, se não illusorio, como agora se está vendo com a *apostentação parochial*.

Se um dia vemos o clero no seu posto d'honra, á pergunta *Aonde vais?* poder-se-á como outr'ora responder: *Derribar um systema que nos perde e inaugurar um que nos salve!*

Uma sombra negra paira actualmente no horisonte portuguez. A questão de Lourenço Marques, a unica talvez de que o nosso governo mereça louvor, irritou sobremodo a susceptibilidade britanica, e um telegramma de 28 nos diz ter entrado uma canhoneira ingleza na bahia de Lourenço Marques. Se um conflicto nos salteasse improvisamente, que meios para o combater? Onde as tropas? os armamentos? os vasos de guerra? o dinheiro? a intrepidez?

Eis o abysmo em que nos lançou este systema nefando que ha tanto esfacela a nobre nação portugueza!

2 de julho.

E. I.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

«*Affirmações catholicas contra os erros d'um apostata* pelo dr. Luiz Maria da Silva Ramos, Lente de Vespera da Faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra. Coimbra, editor J. J. dos Reis Leitão, rua do Norte, 6.» Preço 400 reis.

Um dia entrou o grande escriptor Almeida Garrett n'uma d'essas barracas de feira, armadas á cata d'alguns magros tostões, por miseros actores ambulantes. Tudo pobre alli, menos o he-

roe do drama posto n'aquelle dia em scena—o nobre portuguez Manuel de Sousa Coutinho. Riu a bom rir o nosso primoroso litterato da farragem litteraria em que viu envolto o nome d'um concidadão illustre, e ao sair d'alli pruiu-lhe no espirito a concepção d'uma de suas mais mimosas producções—o *Frei Luiz de Sousa*.

Uma gotta d'agua origina uma pérola: aquella mesquinha exhibição de feira produziu uma preciosidade para o thesouro da litteratura patria.

Motivo similar deu occasião as *Affirmações catholicas*. Umis miseris gottas de sciencia, ou antes de insciencia, do pobre transfuga Guilherme Dias, expostas ao sol da publicidade n'um opusculo detestavel, incitou o fecundo e primoroso escriptor catholico, e eis um tractado repleto de sciencia admiravel na substancia e na forma, de primeiro publicado no excellente jornal *A Ordem*, sob o titulo *O que é a Missa*, e agora colligido em formoso volume in 8.º de 495 paginas.

Saidos na *Ordem* os primeiros artigos, sem assignatura de auctor, e cumprindo-nos por esse tempo escrever ao distinctissimo cathedratico, não pudemos resistir á incitação de dizer-lhe: «Magnificos os artigos sobre a Missa. Tal abundancia de doutrina e um quê de suave causticidade habilmente applicada, estão denunciando á legua o nome do auctor.» Não erramos.

Parabens pois ao illustrado auctor e ao sr. Reis Leitão, que, em seu posto cada um, lão notaveis serviços estão fazendo á Igreja e á patria.

«*Summario da vida de Sancto Ignacio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus*, nova edição, extrahida do *Flos Sanctorum*. Lisboa, typographia da Casa Catholica, rua Augusta, 178 a 182. Opusculosinho de 64 paginas, resscendentes das virtudes do grande heroe christão, que ainda após a hora de seu passamento não tem cessado de ferir formidaveis batalhas contra os adversarios do Christo. E assim devera ser. «Foi illustrada sua alma, diz o piedoso opusculo a p. 15, com um dom de sabedoria divina lão fóra do commum, que o Sancto deixou escripto, lhe não parecia que n'esta vida se possa ter maior conhecimento, que o que uma vez teve arrebatado em espirito.» Quanto mais um conhece a Deus mais de direito lhe pertence, e conhecendo-o como o ex-soldado de Pamplona, jamais deserta de sua gloriosa bandeira.

Faça-se pois do livrinho amplissima propaganda que o seu preço é de VINTE E CINCO REIS! franco de porte.

Pedidos ao sr. Manuel Pedro dos Santos, rua do Quelhas, 6. Lisboa.

Accusamos e agradecemos:

«*Le Messager du cœur de Jesus*, Boletim mensal do apostolado da oração. Tolouse. Fasciculo de julho.»

«*El Eco Franciscano*, revista mensal consagrada a fomentar a devoção ao Seralico Patriarcha—Santiago. Junho 1889;»

Boletim Popular. Barcelona—Junho de 1889.» Historia de los Caballeros del Temple, pelo presbytero D. Mateo Bruguera. Edição illustrada. Fasciculo 9.º Barcelona, Buensuceso 13;»

«*Las Misiones Catholicas*, revista quinzenal illustrada—Barcelona. Fasciculo 226;»

«*Boletim—Revista de la Juventude Católica*, de Valencia. Fasciculo 34;»

«*Revista Popular*, semanario illustrado, de Barcelona. Fasciculo 967;»

«*O Mensageiro do Coração de Jesus*, orgão mensal do Apostolado da Oração, liga do Coração de Jesus e da communição reparadora, sob a direcção do director Central em Portugal, com approvação de S. Em.ª o Sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa que o recommenda e concede 100 dias de indulgencias a quem o ler, em cada dia que for lido, assim como do Em.º Cardeal Bispo do Porto. N.º 100, 4.º do tomo IX, julho de 1889.»

«*Boletim do governo ecclesiastico dos Açores*, orgão official da diocese d'Angra, tomo IX, 5 de junho de 1889, n.º 212;»

«*O Amigo da Religião*. N.º 35, 1 anno. Braga;»

«*A Correspondencia de Roma*, periodico portuguez destinado a promover os interesses catholicos em Portugal e no Brazil. III anno, n.º 30, 15 de junho de 1889;»

«*Peregrino de Lourdes*, folha terceirense, dedicada a todos os que amam a religião e a patria;»

«*O Mensageiro popular ou a Liberdade*, semanario religioso, litterario e recreativo, n.º 51, do IV anno;»

«*Catalogo da companhia propagadora de instrumentos musicos*. Anno de 1888. Lisboa, rua Garrett, 29, 1.º»

SECÇÃO ILLUSTRADA

Ticiano, o grande pintor classico da renascença

(Vid. p. 190)



NOTAVEL artista, digno de tomar assento entre Murillo, Rubens, Raphael e Van Dick, trabalhador incançavel, que aos 97 annos increpava a senectude por tolher-lhe o labor na occasião em que, segundo graciosamente dizia, começava a comprehender o que

era a pintura, foi nado em 1477, em Pierre de Cadore, nos dominios da republica venesiana.

Talvez por que, apaixonado de seu berço natal, fugisse à convivencia dos grandes, nenhum genio houve tão re-questado de principes e reis.

Francisco I, Carlos V e Leão X, era cada qual a empenhar-se mais por o ver em seus estados. Não foi para Carlos V pequena conquista obter que viesse a Bolonha em 1529, onde o afamado pintor foi acolhido com as honras devidas a um principe da arte. Os cortejos, mal contentes de tão insolitas distincções, murmuraram; mas o grande imperador acudiu por si, respondendo lhes: «Em minha mão está crear um conde ou um duque, mas crear um Ticiano é empreza fóra do meu alcance.» Um dia, caindo o pincel das mãos do pintor, inclinou-se Carlos V e apanhou-o dizendo: E' justo que Ticiano seja servido por Cesar. Estas palavras d'um monarcha pouco disposto a louvores, significam o merito d'aquelle singularissimo talento.

Quereis conhecê-lo pelas concepções de sua extraordinaria intelligencia? Ide ao museu de Madrid, e alli contemplareis o *Martyrio de S. Lourenço*, *S. Jeronymo*, *Carlos V na batalha de Muhlberg*, *Sancta Margarida*, *Salomé com a cabeça de Baptista*, o *Peccado original*, a *Batalha de Lepanto*, *Descanço no Egypto*, *Jesus no Jardim das Oliveiras*, etc; ide ao Louvre, e assombrar-vos-ão *Sancto Estevam*, *S. Maurício*, *Sancto Ambrosio*, a *Virgem*, o *Menino Jesus*, a *Sagrada Familia*, e muitos outros; passai a Turim e lá tereis o *Banquete de Enxaus*; descei a Florença, entrai na cathedral d'Ancona, percorrei Veneza, Munich, Vienna, e aqui, tereis as *Bodas de Caná*, a *Sagrada Familia*, o *Sacrificio de Abrahão*; além, *Christo com a Virgem*, *S. João e S. Domingos*; adeante, a *Assumpção*, o *Descimento da Cruz*; n'outra parte, a *Virgem com o Menino Jesus*; acolá, o *Pastor e o seu rebanho*, a *Mulher adultera*, a *Adoração dos Magos*... Enfim, por toda a parte onde tiver amadores a arte divina de reproduzir na tela as manifestações da Divindade, as façanhas humanas, as concepções ideaes, ahí haverá um traço do pincel de Ticiano, um dos mais fecundos de que ha memoria, que locupletou de honras o seu possuidor e lhe grangeou uma fortuna principesca.

Historiando o patriarcha da *renascença*, exhibimos um seu perfil que nos enche de assombro, mas não fuja-mos ao dever de patentear um outro, que nos infunde magua. Por vezes, aquella mesma palheta onde se esbateram tintas para as grandes obras do christianismo, ministrou-as abundantes e delicadissimas para objectivar as scenas

mythologicas e os ideaes das paixões inhonestas. As *baccanaes*, a *Flora* ou *Laura de Dianti*, a famosa *Danae*, *Venus*, etc., accentuaram um desvio lastimoso na epocha da *renascença*, em que tanto abundam figuras mal veladas, admiraveis talvez pela correccção plastica, mas nefastamente influenciadoras na direcção dos costumes, senão gravissimo, que a custo poderá ser relevado.

A cruz na aldeia

(Vid. p. 195)

Ainda hoje, quem percorre os meandrosos caminhos das parochias ruraes, depara a cada passo com esses monumentos singelos e elegantes, que a piedade, adivinhadora de quanto na peregrinação terrena se ha mister de alento, erige em cada clareira, em cada enlaçamento de asinhagas, para que o transeunte cansado ache, nos musgosos degraus do secular cruceiro, assento em que estacione, e no emblema de salvação, que se eleva às nuvens, uma lição de corajosa fortaleza a ensinar-lhe: «Mais, um pouco mais e soará a hora final de descanço!»

Quanta vez alli, ao fim da tarde, se encosta o venerando prior, e acodem a pedir-lhe a benção, a ouvir-lhe o conselho, e aceitar-lhe consolação, o joven que na vida ensaia apenas os primeiros passos; o pae que, nos tempos difficultosos d'hoje, a custo vinga euca-minhar pela trilha do dever o mimoso bando que o céu lhe confiou; a esposa, na flor dos annos, que a troco d'um coração virgem, offertado na presença de Deus, cuidava entrar na posse de placidas venturas, e tem apenas angustias, decepções e infidelidades; a mãe que pranteia o filho que perdera, ou a filha bemfadada que ha tanto chora o pae distante!...

Ah! quão sancta, quão suavissima não é, e hade ser, por longos annos inda, a influencia da cruz nos crentes moradores do campol

Para longe essa onda devastadora que se chamou *Progresso*, (ironia terrivel!) pois na praia onde toca deixa em ruinas o templo de Deus vivo, espedança as estatuas dos Sanctos e a da Virgem, faz baquear no pedestal a Cruz redemptora, cujos braços ha dezenove seculos são abrigo protector da humanidade afflicta! Todo o progresso que parte uma fibra no coração dos povos, afeiçoados ao verdadeiro Deus ou à sua patria, será marcado na historia do futuro com mais carregados traços que a passagem dos vandalas, dos hunos ou dos arabes.

A ultima communhão de S. Jeronymo

(Vid. p. 201)

O Bello!—eis, a par da Verdade e do Bem, uma das manifestações do Infinito, uma das aspirações constantes da humanidade. Quereis vel-o no mais adeantado grau de perfectibilidade? Estudai-o no christianismo, oceano amplissimo, onde vem livremente espriar-se a alma humana, sem que até hoje tenha atingido os ultimos confins da arte, do mesmo modo que não pôde desvendar os mais longinquos dominios da sciencia nem as sublimidades mais assombrosas da moral. Na pintura conserva-nos a antiguidade os nomes de Demophilo, Polignoto, Zeuxir, Parrichio, Pamphilio, Apelles e Aetion: quem ousará porém pô-los em confronto de Miguel Angelo, Rubens, Fra Angelico, Raphael, Guido, Leonardo de Vinci, Carache, Poussin e Domenichino? Ninguem; que vai immensa distancia entre o ideal pagão e o ideal christão. A gravura que hoje offerecemos aos leitores, copia da *melhor perola de Domenichino*, segundo a expressão conceituosa d'um de nossos mais deliciosos escriptores contemporaneos, está confirmando esta opinião, opinião de Chateaubriand, de Simondi, de Villemain, de Nicolás, de Lachaud e muitos outros.

Na obra prima de Domenichino, admira-se a distribuição e variedade dos personagens.

O grande Doutor da Igreja, gastos os ultimos annos na aspereza dos desertos e da penitencia, alquebrado pela idade, prevendo perto o fim, anima-se em supremo esforço, demanda o templo sancto nos braços dos companheiros do ermo, abeira-se do degrau do altar, curva os joelhos flebeis e implora a recepção do Deus sacramentado, a cujo serviço consagrou a vida e de quem espera alentos na jornada ultima. Vede-o: dobra o o peso duplo da ancianidade e da consideração do seu uada. A' contemplação d'aquelle corpó examine, tentando em vão soerguer-se em adoração à Hostia Immaculada offerecida pelo ministro, d'aquelle rosto de asceta, coberto de rugas e aureolado de cás, animado ainda n'um esforço final, podeis ver, sem um assomo de duvida, como aquelle espirito lucidissimo, cheio de sciencia e de fé, testifica um dos mais venerandos mysterios do christianismo—a presença real do Homem Deus no Augusto Sacramento da Eucharistia.

Que perfis tão suavemente correctos! que nobreza de attitudes? que vida em cada um dos circumstantes? que firmeza de attenções, postas no centro principal do quadro—a Hostia Sancta e a fronte aureolada do justo? Deus, os An-

jos e os homens, unidos no mais estreito, no mais íntimo e delicioso amplexo do amor!

Oh! sempre a arte christã será a rainha das artes, que para ella ha therias em cujo estudo jamais encontra balizas o coração mais entusiasta unido á mente mais bemfadada!

Quererá o leitor estudar pausadamente o *capo d'opera* do celebre pintor bolonhez? Vá pois ao Vaticano, á *Pinacoteca* fundada por Pio VII, e alli, apardos primores de Leonardo de Vinci, de Fra Angelico, de Bonifazio, de Caravages, de Bellini, de Guido Reni e Raphael, encontrará a mimosa *Communhão*, cujo traslado exorna hoje as paginas do *Progresso Catholico*, não só o melhor do genial artista, pago embora pela exigua quantia de 50 escudos, mas um dos mais admiraveis primores da arte christã.

R.

SECÇÃO NECROLOGICA



Mais uma amiga do «Progresso Catholico», a ex.^{ma} D. Francisca Emilia Corrêa Leitão, de Poiares, terminou sobre a terra a missão que lhe fôra outorgada pelo Creador.

Piedosa e boa, conscia do quanto a cada um concerne fazer, na vida presente, afanosa apprendizagem da vida futura, desvelou-se em aferir seu proceder pelos preceitos e conselhos da moral christã, implantada no mundo pelo Salvador e a toda a hora cultivada por aquelles a quem se dignou transmittir o exercicio de sua divinal auctoridade.

Sendo, como é, o fim supremo da vida o ir para Deus, esperançados que a piedosa extincta o attingisse, confiamos será ainda no céu intercessora nossa, em quanto que lembrando-a á devoção fervorosa dos leitores do «Progresso Catholico», rogamos a commorem em suas preces.

D. P.

Agradecimento

A familia e successores do saudoso extincto, José Antonio Teixeira de Freitas, immensamente reconhecidos á generosidade extrema e summa caridade dos muitos Ex.^{mos} e R.^{mos} Prelados e grande numero de Sacerdotes, que se

teem dignado celebrar o sancto sacrificio da Missa, em suffragio do fallecido, manifestam seu profundo reconhecimento, protestando jamais esquecerem a singularissima deferencia que o motivava.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Sulto divino em Guimarães no mez findo.—No dia 13 celebrou-se em S. Sebastião a festividade do grande thaumaturgo portuguez, com a solemnidade devida a um santo tão popular, tão fecundo em milagres, e tão nosso. «De tarde, diz a *Religião e Patria*, subiu ao pulpito o distincto orador rev.^o José Antonio Fernandes, que mais uma vez confirmou os seus excellentes dotes oratorios. O numeroso e selecto auditorio, que o escutou com a maior attenção, retirou-se muito satisfeito, tecendo-lhe os maiores elogios, no que lhe não fazia mais do que elle merecia». Admirador do notavel talento de s. rev.^{ma}, unimos jubilosamente nossos parabens aos do publico vimaranense, congratulando-nos sobre modo por vermos mais um defensor da verdade no ponto em que nem sempre sóe ser exposta com a pureza, força e brilho, que tão bem lhe quadram.

No dia 17, bicentenario d'uma das mais notaveis Apparições do Sagrado Coração, mandou o Apostolado celebrar uma missa commemorando tão misericordiosa mercê do nosso divino Salvador. Alluiram á Sagrada Meza grande numero de associados, havendo como remate dos actos piedosos d'aquelle solemnissimo dia consagração dos associados ao Sanctissimo Coração.

A confraria do Sagrado Coração, solemnizou de igual modo aquelle dia, com a assistencia de muitos confrades.

Em 24 celebrou sua primeira missa na igreja de S. Thyago do Lordello, o rev. Domingos da Trindade. «Só no céu terei alegria como a d'hoje», dizia o joven levita nos sanctos enlevos a que a mão do Senhor o sublimou n'aquelle dia de benção. Feliz joven! Entraste no exercito dos fortes de Israel. Inicia pois animadamente a tua angelica missão, caminhando na terra a fazer o bem, a consolar dores, e remover angustias, a dar o céu ás almas, a chamar a esta terra condemnada a Victima de propiciação!

Instrumento de edificação nas mãos do Omnipotente, nós te saudamos com o mais vivo fervor d'um coração christão, e felicitamos cheio de admiração as almas generosas que te auxiliaram na ardua empresa, entre as quaes

avulta de modo singular a ex.^{ma} D. Maria Alves Pimenta e sua familia.

Os festejos do S. João, em Sancta Luzia e no Campo da Feira, passaram animados e pomposos a não poder ser mais. Solemnidades d'estas puderam ser, e o foram por largo tempo, uma das mais encantadoras distracções do povo christão; mas quando a dissolução dos costumes as veiu tornar incitamentos ao vicio, podemos dizer como o conceituoso Bernardes, «que nada d'isto agrada ao Sancto a quem se dedica a romaria; e os mesmos que a fazem bem conhecem que o seu intento principal é comer mais e folgar mais».

A confraria do S. Sacramento, de Nossa Senhora da Oliveira, solemnizou com a pompa costumada, no domingo 23, a divina Eucharistia, havendo brilhante procissão e subindo ao pulpito os rev.^{mos} José Maria Fiusa e Francisco José Patricio.

Cumpria-nos agora rematar com as solemnidades ao Sanctissimo Coração de Jesus, mas a falta de espaço, coagenos a falar d'ellas no futuro retrospecto.

Lourdes. . . Lourdes.—Como a patria, auda no coração de todos os catholicos este lugar de benção, onde ha 31 annos appareceu por 18 vezes a IMMACULADA CONCEIÇÃO. Para impulso ás grandes obras do templo do Rosario, onde se dispenderam para mais de 350 contos, convidou ainda uma vez o Soberano Pontífice, por meio de *peregrinações espirituaes*, a piedade dos fieis, designando para ellas os dias 25 de março, 16 de julho, 8 de setembro e 8 de dezembro. Os algarismos da de 25 de março, ainda não integralmente conhecidos, revelam assás a influencia de Maria, diffundida por toda a superficie da terra. Um jornal que temos á vista, diz-nos que o resultado monetario attingira a quantia de 5:921\$000 reis e que as missas offerecidas foram 196:516, as communhões 109:148 e os terços 445:643. Durante o mez findo celebraram-se no Sanctuario de Lourdes 1.050 missas; distribuiram-se 12:000 communhões; inscreveram-se na confraria do Rosario 291 pessoas e 175 na da Immaculada Conceição; houve 39:231 intenções recommendadas e 754 acções de graças!

Sommas consoladoras! Está o catholicismo a morrer, na intenção d'aquelles que o desejam enterrar, sem se afdigarem em recitar-lhe um *Requiem*. No emtanto digam-nos que outra instituição do orbe exhibe provas de vida, como os assombros de Lourdes e Montmartre, como a voluntaria contribuição do dinheiro de S. Pedro, como a obra da

Santa Infancia e propagação da Fé (1). Os fieis sabem de sobra que o catholicismo não morre: *Portæ inferi non praevalent*; mas os que não são fieis, empunham a lente dos factos e admirem que vitalidade, que força, que desenvolvimento, que futuro!... Disse Monsenhor Freppel, que a causa da Igreja hade vencer, pôr que n'ella está a vida ao passo que a dos inimigos da Igreja hade succumbir, por que ella é a morte. Não foi propheta Monsenhor Freppel: enunciou apenas por termos frisantes uma verdade constante dos artigos da Fé do povo christão.

Por esquecimento, que muito nos dóe, não convidamos os leitores do «Progresso Catholico» a tomarem parte nas Peregrinações de 25 de março e 16 de julho. Restam porém ainda as de 8 de setembro e 8 de dezembro, e os que desejarem cooperar por suas orações e seus trabalhos em obra tão altamente meritória, dignem-se derigir pedido a esta redacção, que para logo lhes serão expeditas gratuitamente as listas requisitadas.

Festas extraordinarias se preparam em Lourdes nos dias 6, 7 e 8 do futuro agosto, em que se realisarà a benção e inauguração do templo do Rosario. Magestoso cortejo de bispos rodeará a s. em.^a o Cardeal-Arcebispo de Toulouse, e numerosas peregrinações de Albi, Arras, Cambrai, e Montauban, se esperam n'aquelles dias. Em Portugal, varias pessoas, a estas horas, se dispoem a ir, por então, ajoelhar aos pés da Virgem de Massabielle, e, no auge de seu gôzo quasi celestial, não fallarão por certo com uma prece pela empresa e pelos assignantes do «Progresso Catholico».

O livro d'ouro do Sagrado Coração.

—De toda a parte ha sido um affluir prodigioso de assignaturas de familias a consagrarem-se ao divino Coração na igreja de Montmartre, que s. em.^a o Cardeal Richard, Arcebispo de Paris, perante o prodigio de tão ingente movimento religioso, não pode deixar de chamar-lhe o *Plebiscito do Sagrado Coração*. É um espantoso o numero total dos adherentes, que, em sendo conhecido, terão os o gosto de annunciar aos leitores.

O Em.^{m.} Cardeal Patriarcha.—Seja bem vindo ao meio do seu rebanho!

(1) O incremento d'esta obra não pode explicar-se sem uma protecção visivel do céo. Ora vejamos:

No primeiro anno de sua formação rendeu	Rs.	4:583,000
Em 1833 rendeu	»	50:869,000
Em 1843	»	672:417,000
Em 1863	»	957:698,000
Em 1873	»	1.104:43,000

Pressurosos e repletos de jubilo, saíram-lhe ao encontro os seus dedicados filhos! Peregrinando o veneravel Prelado em terra extranha, onde um desastre o feriu, foi em seu regresso acolhido com taes extremos, tão intimas expansões d'alma, tantas lagrimas de celestial consolo, que foi maravilhoso ensejo, providencialmente adviudo, para manifestar em toda a luz quantos são os filhos que o amam e como entranhadamente lhe querem!

Os dignatarios do avental e trolha, os valentes que porflam em chegar ao centro do bem (à perfeição da iniciação maçónica) esmagando a cabeça da serpente da ignorancia mundana (i. é, abjurando a fé baptismal) tocaram a rebate, congregaram-se, e mais uma vez clamaram em côro: Nós perdemos a vaza!

E já não é sem tempo. Desde 28 d'abril de 1738 até 20 d'abril de 1884, oito solemnes condemnações pesam sobre a malfadada seita, ruina das nações, e os christãos aguardam intrepidamente o dia ultimo que lhe está determinado, visto que hade ser ouvida a oração que incessantemente elevam a Deus: *Adveniat regnum tuum*.

Guerra?—Com a atmospheria nebulosa d'estes dias, parece escurecerem-se os horisontes politicos. Teremos guerra? não teremos guerra?... Quem pôde dizer? Alguns dias antes do rompimento de 70, entre a França e a Alemanha, nenhum politico aventava o successo imminente. Hoje, mais que então, se torna sobremodo temeraria qualquer predicção em tão momentoso assumpto, visto os inventos modernos de destruição apavorizarem devéras a vencidos e a vencedores. Teremos guerra? não teremos guerra?...

Mysterio!

No emtanto, à interrogação expressa todo o politico responde com o gesto peculiar do medico assistente, quando alguém inquire como vai o enfermo que está em perigo.

É certo porém que a Russia dá-se a aprestos bellicos como de ha muito não ha memoria e o partido militar crê terminada a epocha da paz. A situação da Austria difficulta-se dia a dia, e dois rivaes potentes n'ella tem os olhos postos, a ver qual primeiro lhe lança mão à cernelha. A alliança franco-russa, tentada ao que parece pelo ministro da guerra, de S. Petersburgo, e o general Annenkoff, espalhara um rumor de assustar. A retirada do Sancto Padre da cidade eterna, em virtude d'um rompimento europeu, vai tomando vulto, sendo varios jornaes unisonos em apontar a Hespanha como logar de refugio, e designadamente a cidade de Valencia.

Os bispos revelam inquietações acerca do Soberano Pontifice e Monsenhor Cutolà y Albosa, Bispo de Barcelona, chorando as inauditas amarguras offer-tadas ao Pae Commum dos fieis pelos falsificadores das garantias. exora a S. M. Catholica a convidar o Sancto Padre a retirar-se para Hespanha.

«Usando, exclama o intrepido prelado, do direito que me concede a Constituição e cumprindo um dever que considero como sagrado, venho na minha qualidade de Bispo hespanhol e de leal subdito de Vossa Magestade supplicar-vos que commettaes ao vosso governo o cuidado d'exigir, quer pela via diplomatica, que, pelos meios que se julgarem opportunos, que o governo d'Italia dê uma reparação immediata e proporcionada à gravidade das offensas commettidas contra a religião catholica, a soberania da Santa Sé e a augusta pessoa de Sua Santidade Leão XIII; e reclame que se tomem medidas energicas que garantam a segurança e a independencia do Papa e que se adoptem os meios necessarios para evitar completamente a renovação de factos que são um ultrage à Christandade.

«Se, entretanto, o governo de Sua Magestade considerar como pouco efficaç a realisação d'estes desejos, eu ou-saria pedir a Vossa Magestade que se dignasse d'offerecer a Sua Santidade, em nome da catholica Hespanha, uma consolação digna do ardente amor que os catholicos hespanhoes professam para com seu Pae, a saber que se o Papa, na sua alta sabedoria, resolvesse abandonar a cidade onde elle não gosa os respeitos supremos aos quaes tem direito, encontraria n'este leal paiz de Hespanha milhões de catholicos que o receberiam com o amor e o respeito devidos ao mais caro, ao mais venerado dos Paes.

«Em qualquer logar que elle queira fixar a sua residencia, n'esta mesma cidade de Barcelona, por exemplo, a amargura do exilio seria compensada para elle pela adhesão inquebrantavel e o profundo affecto dos hespanhoes, seus filhos completamente dedicados e fieis.»

Teremos guerra?...

Urge uma reparação à Igreja. O pensar europeu, o pensar do mundo, não anda fraccionado como ha vinte annos. Hoje é a maçonaria sómente a querer o *statu quo* de Roma. Isento do influxo d'ella, ninguem approva a proeza da Porta Pia nem as consequencias d'ella.

Urge pois uma satisfação ao Pontifice romano, chefe da phalange mais numerosa e mais perseverante que tem contemplado os seculos.

Sabem todos, que n'esta questão de tão saliente gravidade está gasto o ultimo argumento, e no emtanto continua blindado o animo dos intangibilistas

contra a força do direito. A hora de Deus, cuja longanimidade nós não podemos medir, hade comtudo chegar para os profanadores de Roma, como chegou para o soldado da Corsega após os despotismos selvagens de Fontainebleau, como para Napoleão 3.º após as cavilações contra o amavel Pio IX, como para Alexandre da Russia após as perseguições aos christãos. Bem tenta Satanaz quebrar nas mãos de Deus a vara da justiça. . . Conseguil-o á?

Ninguem ha que o tema.

Ravi nantes.—O *Jornal de Noticias* de 2 do corrente, aponta-nos um phenomeno excepcional, acontecido na administração do bairro occidental: foi o registo civil d'uma creança do sexo masculino, cujo nome não transcrevemos, para que essa creança, quando chegue a uso de razão, ao ler porventura esta pagina do «*Progreso Catholico*», se não ruborise da infamia a que seus paes a sujeitaram, por influencia extranha, que não por deliberação espontanea. Pobre creança! nascida para Deus, são teus mesmos paes, por causa de quem vives, que ao encetares a vida te desviam de Deus. E no emtanto grita-se quando um missionario préga, como se Portugal não sentisse fome de doutrina. Para gritadores desta laia seria uma nata deliciosa a moral de Spenser ou a de Thomaz Hobbes, que incita á satisfação de todas as paixões qualquer que seja a infamia que as acompanhe. Recomendamos ás piedosas Filhas de Maria ou ás associadas de S. Vicente de Paulo aquella creancinha, moradora na travessa dos Arcos, da freguezia de Cedofeita, pois temos justos motivos para crer estejam seus paes maguados do que fizeram, e não seja talvez difficil levar áquella preciosa alma a valiosissima graça baptismal.

Ainda assim, desvarios d'esta especie tem sido e continuarão a ser muito raros entre o povo portuguez. Em quem os pratica cái-lhes em cima tão grossa onda de ridiculo, que taes *espíritos fortes* commettem a *fraqueza* de não aguentarem com a *piada* da vizinha, com o remoque do primo, com o olhar curioso ou muitas vezes benevolo do transeunte anonymo que os fixa attentamente. A si mesmos se chamem martyres muito embora: que differença porém entre os martyres do Christianismo, que com intrepida nobreza professam deante de seus algozes as verdades em que creem, e estas sombrasinhas de martyres que em se lhes apontando com um engodo barato abandonam logo os artigos da sua... descrença!

Deus não dorme.—Ha tempos, realizou-se n'uma das parochias do Douro

um enlace matrimonial, escolhendo-se para este acto solemne a quinta feira da Ascenção que, como é sabido, é dia sanctificado. Como a hora da missa era um tanto incompativel com o *menage* domestico n'aquelle dia de gala, varios membros das duas familias, deslembrados do escandalo que davam, resolveram dispensarem-se da missa. Errado calculo! Ao regressarem os noivos, um foguete caprichoso descreveu uma elice prolongada e foi incendiar, a grande distancia, a casa d'uma familia mal avinda com as que se iam banquetear. À tarde passou-se na rude tarefa da extincção do incendio, as affições foram sem conto, e os prejuizos causados deram um embate violento á fortuna dos nubentes.

Facto de maior vulto archivaram anno passado os annaes do iconoclastismo quando em França se exterminaram os crucifixos das escholas: Um professor, um beijinho de Paulo Bert, intentando dar sorte perante seus alumnos, toma uma vara e começa a açoitiar a imagem do Salvador pendente d'uma parede da eschola «*Não vedes? clamava a rir-se aquelle mentecapto: não sente, não se queixa, nada me faz pelas pancadas com que o presenteio. Coitado! Pobre carvoeiro! se fôra Deus consentiria em ser tractado assim?*» E lá continuava o animal a contundir o ventre da veneranda imagem.

A esposa, *lé com lé*, no limiar da porta, ria a bom rir da sacrilega scena do marido. Mas alguns mezes se volvem e a infeliz deu á luz dois gemeos; um, morto e com o ventre espedaçado; outro, que ainda vive, inteiramente preto, surdo-mudo e cego. Deus não dorme.

Que tempos!—«*Dizem-nos, escreve o celebre *Jornal de Noticias*, que durante os mezes de abril e maio se recolheram aos conventos não extintos de Braga e Guimarães, como seculares, seis damas pertencentes algumas ás casas fidalgas da provincia.*» A nenhum reparo se presta o que deixamos transcripto, expondo-o com a simplicidade que ahí fica manifesta. Saibam porém os leitores que o localista do *Noticias* o epigraphou com o pavoroso vocabulo de FANATISMO! Mais tarde, em 6 de julho, diz-nos: «*Pela administração de Gaya fez-se hontem uma rusga ás mulheres que vagueiam na serra do Pilar nas immedições da praça de touros. Foram apanhadas tres, podendo escapar-se umas nove.*» Ora aqui temos duas vezes seis damas, vagabundas, cuja chronica não mereceu o feio distinctivo de FANATISMO. Para o *Noticias* esta dupla meia duzia são umas pombinhas, que o codigo penal não envolve em nenhum de seus artigos, porque emfim não estão eivadas de fanatismo.

Ora valha-nos Deus! A gente noticieira, que tem filhas e irmãs, a qual d'estes dois grupos citados, quererá que alguma d'ellas pertença? E' bom que nem sempre se diga o que se sente, mas tão só o que se deve dizer.

Feize de noticias.—William Patherans, um dos mais notaveis jurisconsultos da Inglaterra converteu-se ao catholicismo. Oh! as flores inimosas que por ventura appareçam no campo da reforma procuram o clima suave dos jardins do Papa. Se em troca nos forem alguns Guilhermes Dias, mais pobres não ficamos.—O Sancto Padre Leão XIII, o imperante que n'estes ultimos seculos maior impulso ha incutido ás sciencias e ás letras, determinou se instaurasse no Vaticano um observatorio astronomico, em competencia com os melhores do orbe. Mais uma prova de quanto a Igreja hostiliza as sciencias. Qual seria o inglez com paciencia bastante para contar as mentiras dictas ha um seculo contra a Igreja pela imprensa impia? E' certo, quem guerrea a Deus, guerrea a Verdade.—Lembram-se os leitores de lhe termos dado no ultimo n.º a grata noticia de ter sido collocada na cathedral de Londres uma formosa imagem da Sanctissima Virgem? Pois outra se encontra igualmente encimando a porta da abbadia de Westminster. Parece que este seculo, apesar de ir no fim, tem de ver a Inglaterra entrada de vez no gremio catholico. Oremos por ella.—Uma joven ingleza, cheia de entusiasmo christão, partiu ha pouco para Sandwich a reunir-se em Molokai ás heroínas que alli continuam a obra caritativa do veneravel Padre Damião. «*Não temes, disseram-lhe, a horrivel infernidade a que te expões?*—Oh! não, volveu a dedicada donzella com a ingenuidade d'uma creança.—*Pensas que terás privilegio contra o mal?*—De modo algum. Espero que me aconteça como ás outras quando chegar a minha vez. Mas não penso em fama, em lucros, nem em outra remuneração. O que ambiciono é o consóto espirital de fazer bem a miseraveis creaturas, de quem por seu estado lastimoso todos procuram fugir.

As que são educadas sem *biocos* talvez não procedessem assim.

M. P.

ANNUNCIOS

Breve Catecismo do Syllabus

POR MR. GAUME

1 folheto de 50 paginas. 80 réis

PUBLICAÇÃO OPPORTUNISSIMA

O hypnotismo outra vez em moda*Historia e discussão scientifica*

PELO

P. JOÃO JOSE FRANCO, S. J.

Vertido livremente da traducção franceza de

A. DE VILLIERS DE L'ISLE-ADAM

POR

Manuel Maria Fructuoso

Editor—DR. JOSE RODRIGUES COSGAYA

Um bello volume. . 400 reis

Requisições ao Editor, com o seguinte endereço:

Collegio da Formiga — Ermezinde — PORTO.

Com endereço analogo podem ser adquiridas as seguintes obras, editadas pelo mesmo:

Catholicismo Manual, 60 reis; *Jesus ao coração do sacerdote* (2.ª edição accrescentada), 200 reis; *Suspiros de Santo Agostinho*, 80, reis; *O Padre Nosso, por Santa Theresia de Jesus*, 40 reis; *Reflexões christãs para todos os dias do anno, pelo P. Neveu* (2 volumes), 1\$200 reis; *T. Libri Historiarum ab urbe condita—Libro qui supersunt*, 600 reis brochado e cartonado 700 reis.

DEVOÇÃO**AO SS. CORAÇÃO DE JESUS**

PEQUENO MEZ DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

PIEDOSO PENSAMENTO PARA O

MEZ DE JUNHO

Extrahido do livro devoto da donzella pelo auctor das «Palhetas d'Ouro»

Obra approvada por muitos Cardeaes, Arcebispos e bispos

Traduzida, da 102.ª edição,

por um Filho de Maria

Contém este pequeno livrinho:

Mez do Sagrado Coração de Jesus, Laldinhas do Sagrado Coração de Jesus, Consagração ao Coração de Jesus, Novena ao Coração de Jesus, Invocação ao Sagrado Coração de Jesus.

1 vol. de 64 pag. em bom papel, 100 rs.

Quem comprar 3 ex. pagará só 200 reis

HISTORIA

DE

SANTA MONICA

PELO ABBADE BOUGAND

Vigario Geral de Orleans

Traduzida com a permissão do auctor em 1884 pela

VISCONDESSA DAS NOGUEIRAS

2.ª edição portugueza

Em meio do grande cataclismo que ameaça de perto a sociedade, não conhecemos nada que melhor possa deter a onda destruidora, levantada pela descrença, do que a educação, ministrada aos filhos pelas mães christãs. Dae às creancinhas uma mãe, e dae a essa mãe o temor de Deus, e a sociedade futura será outra que não a actual.

Mas para que as mães tenham o verdadeiro temor de Deus, para que ellas saibam ser mães e as educadoras de seus filhos, forçoso se torna que ellas aprendam com as grandes mães, que conheçam os magnificos modellos que tem de imitar. Essa grande mãe, esse perfeito modelo das mães offertamol-a aos nossos leitores e ás leitoras principalmente na mãe de Santo Agostinho, em Santa Monica, cuja historia está publicada em 2.ª edição, tentando com isso prestar um grande serviço á sociedade, e ás patrias letras.

Se nós conseguissemos que este livro entrasse em todas as casas, fosse lido por todas as mães, por todas as

filhas; que se desse ás creancinhas, que o lessem as meninas nos collegios, oh! que grande serviço prestado, que fonte de bens para a humanidade! Mas será o que Deus quizer, o livro já está á venda e temos esperanças de que se espalhe bem, como merece.

Forma um volume de 400 paginas approximadamente, e é impresso em bom papel, bom typo e em elegante formato em 8.º

A 1.ª edição custou 1\$000 reis, mas nós, querendo fazer larga propaganda, e facilitar a sua posse a todos os nossos leitores, estabelecemos o seguinte:

Quem subscrever para esta obra monumental, custará apenas

500 rs., franca pelo correlo

Depois de concluida a publicação, os poucos exemplares que restarem, custarão 600 reis. Escusado será dizer que fazemos esta edição em harmonia com muitos pedidos que já temos e contando com a cooperação de todos os nossos bondosos assignantes.

MANUAL DA PIA UNIÃO

DAS

FILHAS DE MARIA**—SOB O PATROCINIO DE SANTA IGNEZ V. E M.***Compilado do Manual da União Primaria de Roma, do mesmo titulo, e de outros livros de piedade*

PELO CONEGO

DR. ANANIAS CORRÊA DE AMARAL

E APPROVADO PELO EX.º E REV.º SNR. BISPO DE PERNAMBUCO

E approvado e indulenciado pelos Em.ºs e Rev.ºs Snrs.

Cardenal Patriarcha de Lisboa, e Cardeal-Bispo do Porto

e pelo Ex.º e Rev.º Director Geral da Pia União, em Roma

Este livrinho, indispensavel a todas as Filhas de Maria, por conter os estatutos da Pia União, e a regra que todas devem seguir, é tambem um verdadeiro livro de devoção, pois que além das orações de missa, confissão, communhão etc. etc. tem um copioso numero de devoções, praticas de piedade etc. etc. etc.

1 vol. de 480 paginas, com capa de percaline 400

Em melhor papel, folhas douradas etc. 600

Pedidos com a importancia aos successores de Teixeira de Freitas — Guimarães.